

## DESAFIOS PARA O TRABALHO INTERATIVO NA ORIENTAÇÃO DE TCC NA EAD

### CHALLENGES FOR INTERACTIVE WORK IN FINAL ASSIGNMENT ORIENTATION IN DISTANCE LEARNING COURSE

- **Keite Silva de Melo** (PUC-Rio, ISERJ/FAETEC e SME-Duque de Caxias – [keitemelo@gmail.com](mailto:keitemelo@gmail.com))
  - **Gilda Helena Bernardino de Campos** (PUC-Rio – [gilda@ccead.puc-rio.br](mailto:gilda@ccead.puc-rio.br))

#### **Resumo:**

*Na etapa final de um curso de especialização a distância, os alunos precisam produzir um TCC. Para essa etapa, o orientando busca parceria e bom relacionamento com o seu orientador, para adquirir segurança e autonomia para a escrita acadêmica. Considerando que o bom relacionamento entre orientador e orientando é fundamental foi realizada uma pesquisa documental, onde foram analisados 12 editais públicos para seleção de orientadores de TCC, seguida de uma pesquisa bibliográfica com a análise de 25 trabalhos, que possuíam como foco a afetividade ou trabalho interativo na orientação. Buscou-se, nessas fontes, evidenciar as características do orientador e os principais desafios da orientação de TCC, que se aliassem à perspectiva do trabalho interativo. A agilidade, parceria, apoio, bom relacionamento, clareza, disponibilidade por parte do orientador foram as características mais apontadas como fundamentais à constituição do trabalho interativo. Por outro lado, os orientadores se ressentem da pouca autonomia, das dificuldades com a escrita acadêmica e autoria, bem como o pouco comprometimento ou resistência às recomendações por parte de alguns orientandos. O diálogo democrático e parceria acionam a corresponsabilidade desses dois agentes, buscando conciliar tanto o acolhimento solicitado pelo orientando, como a dedicação exigida ao orientador.*

**Palavras-chave:** Desafios da orientação; TCC; Educação a distância; Trabalho interativo.

#### **Abstract:**

*In the final stage of a distance specialization course, students need to produce a final assignment. For this stage, the student seeks partnership with its supervisor in order to acquire security and autonomy for academic writing. Considering that the good relationship between advisor and student is fundamental, a documentary research was carried out where 12 public notices were selected for the advisor hiring for the final work. This survey was followed by a bibliographical research with the content analysis of 25 works that had as focus the affectivity or work interactive in orientation. These quests highlighted the characteristics of the advisor and the main challenges of the orientation in the final assignment allied to the perspective of interactive work. The agility, partnership, support, good relationship, clarity, availability on the part of the advisor were pointed as fundamental to the constitution of the interactive work. On the other hand, counselors resent low autonomy, difficulties with academic writing and authorship, as well as the lack of commitment or resistance to recommendations by some students. The democratic dialogue and partnership trigger the co-responsibility of*

*these two agents, seeking to reconcile the reception requested by the orienting and the dedication required of the advisor.*

**Key words:** *Challenges of orientation; final assignment, Distance learning; Interactive work*

## 1. Introdução

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) vêm propiciando não apenas a interação entre os sujeitos, mas vêm impulsionando por meio da educação a distância (EaD), a emergência e consolidação de espaços formais e informais de aprendizagem. Nesses espaços, profissionais graduados vêm buscando formação continuada e contato com outras áreas profissionais, atendendo a uma exigência de formar-se continuamente, contando-se para isso, com a potencialidade da EaD.

Nosso trabalho busca situar os cursos de especialização a distância, modalidade que vem crescendo exponencialmente, como visto no segundo CensoEaD de 2016 (ABED, 2017), o segmento que mais oferta cursos regulamentados é a pós-graduação *lato sensu* (MBA e especialização).

Os cursos de pós-graduação *lato sensu* da modalidade EaD, na maior parte, conta com um professor *online* (geralmente vinculado como professor-tutor) para realizar a mediação no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Por meio dessa mediação, ele contribui para que os alunos interajam entre si, com o conteúdo, com o professor da disciplina e avancem no seu desenvolvimento, em colaboração, via fóruns de discussão e outras interfaces adotadas no planejamento do curso.

Na etapa final de um curso de especialização, os alunos precisam produzir um trabalho de conclusão de curso (TCC), para apresentá-lo presencialmente, compartilhando com os seus pares, um recorte mais aprofundado e sistematizado do seu saber construído durante a formação. A produção do TCC, por se tratar de uma construção autoral por meio da escrita, envolve grande desafio para os alunos na etapa de conclusão e para isso, a parceria e bom relacionamento com o seu orientador (que pode ser o professor-tutor ou outro professor contratado para essa função), ganha centralidade.

Vários estudos (ANTUNES et al, 2011; TEIXEIRA et al, 2011; BOGHI et al, 2016; DIAS; PATRUS; MAGALHÃES, 2011; ANDRADE, 2011; ALVES; ESPINDOLA; BIANCHETTI, 2012; QUIXADÁ VIANA; VEIGA, 2007) confirmam que o bom relacionamento entre orientando e orientador é essencial para a construção de um trabalho final de curso de qualidade. Essa é a temática do nosso estudo, instigada pelas seguintes questões: quais seriam os desafios que interferem nesse bom relacionamento, durante a produção do TCC? Quais as principais dificuldades da ordem do trabalho interativo, que cada agente se depara nessa etapa, segundo a literatura mais recente? Quais as ações e características que orientadores e orientandos precisam desenvolver para que o trabalho interativo e o bom relacionamento convirjam para otimizar a produção (co)autoral exigida pelos cursos?

Para buscar responder a essas questões, realizamos:

- Pesquisa documental: foram analisados 12 editais públicos dos últimos cinco anos para seleção de orientadores de TCC, buscando evidenciar na descrição da função ou nos critérios de seleção, as características que se aliassem à perspectiva do trabalho interativo entre orientador e orientandos. Essa

escolha se justifica, pois os editais publicizam qual o perfil do profissional que se deseja contratar e quais os critérios a instituição e gestores do curso requerem para a mediação junto aos seus alunos, no tocante à orientação de TCC;

- Pesquisa bibliográfica: foram analisados 25 trabalhos, que possuíam como foco a afetividade ou trabalho interativo entre orientador-orientando. Acreditamos que o bom relacionamento entre orientador-orientando é fundamental para essa fase de maior esforço e dedicação do orientando, quando a autonomia lhe é mais exigida.

Ao confrontar as duas metodologias para verificar como o resultado destas se aproximam ou se distanciam entre si, destacamos na pesquisa bibliográfica os desafios que eventualmente afligem os envolvidos durante a construção de um TCC e interferem no relacionamento entre orientandos e orientadores.

## 2. A orientação para construção do trabalho científico na modalidade EaD

A EaD é definida no primeiro artigo do Decreto nº 9057/2017 como a modalidade educacional onde a

mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolve atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017).

Ainda segundo esse mesmo Decreto, as instituições de Ensino Superior podem se credenciar exclusivamente para oferta de cursos de graduação e especialização na modalidade EaD, o que poderá ampliar a oferta de cursos de pós-graduação *lato sensu* nos próximos anos. Como expansão e democratização de oferta não estão diretamente relacionadas à garantia de qualidade (CAMPOS; ROQUE; SANTOS, 2015), inclusive devido às políticas de mercado e do capital, preocupa-nos como essa oferta será implementada. Concordamos com Campos (2017), que um curso na modalidade EaD precisa de investimento considerável, incluída aí, a formação de professores-tutores e preocupação com a formação do cidadão, em seus princípios. Em relação à Portaria Normativa nº 11 de 20 de junho de 2017, que estabelece normas para credenciamento de instituições e oferta de cursos na modalidade EaD, a pesquisadora convoca à reflexão, quanto ao risco de se promover a massificação do ensino superior, "democratizar é abrir a possibilidade para que todos tenham formação completa. A massificação é só abrir vaga" (CAMPOS, 2017).

A educação superior, para efetivar a democratização, precisa se conciliar com a qualidade, de forma a não sucumbir à proposta de massificação (SCHENEIDER; MORAES, 2015; LOVISOLO, 2000; TARDIF; LESSARD, 2014). O objetivo da universidade é a tríade ensino-pesquisa-extensão, e é nessa tríade, ou pelo menos na díade ensino-pesquisa, que se insere a produção científica de um aluno.

Sabe-se que os cursos de pós-graduação *lato sensu* visam a formação profissional e possui o ensino como centralidade (SAVIANI, 2006). Nesse caso, a pesquisa seria a mediação, pois o ensino se origina da produção do conhecimento construído na área, para a qual se deseja buscar profissionalização ou formação. A pesquisa na pós *lato sensu* não seria a protagonista, como ocorre nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, mas por meio do TCC, o aluno que não teve a oportunidade de participar de algum projeto de Iniciação Científica na graduação, teria um primeiro contato com esse formato de produção acadêmica. O TCC possui ênfase, extensão, prazo e rigor distintos de uma tese ou dissertação, mas apesar disso, já contempla os principais critérios de uma produção autoral científica.

A produção de um TCC pode exigir muita autonomia e disciplina do aluno, mas é também a oportunidade de autoria supervisionada e de responsabilizar-se pela divulgação de sua percepção e análise sobre dado fenômeno. Embora exija maturidade na escrita, o que inclui o exercício constante para aprimoramento, para tornar claras intencionalidade e reflexões, a produção de um TCC pode viabilizar, mesmo que de forma preliminar, o que para Santos (2008) é o salto mais importante da ciência pós-moderna: “Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum” (p. 90). Para Boaventura (SANTOS, 2008), a transformação do conhecimento científico em senso comum é fundamental, pois este dirige as ações cotidianas de forma prática e pragmática. Se a ciência alcançar esse diálogo, pode evitar rupturas com o real, reproduzindo o saber construído pela ciência, de forma espontânea, aplicando-o no cotidiano.

Como o objetivo de um curso de especialização inclui a formação voltada para um campo profissional, a transformação proposta por Santos, estaria mais próxima de ser concretizada, pois a produção científica estaria em maior diálogo com um campo empírico, podendo inclusive ter a *práxis* como objeto ou campo de investigação do TCC ou ainda, impulsionar o problema de investigação, traduzindo-se como inspiração para a pesquisa. A orientação nesse caso deve voltar-se para estimular uma autoria que transforme fenômenos ou processos complexos, em uma comunicação simples, fundamentada e objetiva. Faz-se necessária uma orientação que esteja implicada com a superação da insegurança do aluno, que geralmente possui pouca experiência acadêmica e não foi autorizado ou estimulado a expressar-se por meio da escrita. Esse orientador teria sua função marcada pela leitura interessada, estímulo constante à autoria e criatividade, ao mesmo tempo em que aciona o rigor e ética científica, para formar esse pesquisador iniciante.

Pensando nessa ação necessária ao orientador e sua importância na principal etapa do curso, voltamo-nos à formação que esse profissional recebeu para tal incumbência. Diversos autores (MACHADO, 2006; MARINELLI; CARVALHO, 2010; SANTOS; MAFFEI, 2010) chamam a atenção para o fato de não haver formação específica para a função de orientação. Tratando-se de um profissional que atuará no momento em que o aluno precisará de mais dedicação, chama-nos a atenção o fato de seus saberes profissionais se construir *in loco*. Com essa lacuna formativa para orientação, que não deveria se apoiar apenas na experiência anterior com o seu próprio orientador, o exercício profissional de orientação torna-se ainda mais demarcado pela dimensão pessoal. Não estamos entendendo marca pessoal no ofício como um problema, mas como característica da docência, que influencia o processo de orientação, fenômeno esse que Tardif e Lessard (2014) nomeiam como trabalho interativo. Na próxima seção, buscamos associar esse

conceito ao processo de orientação de TCC, para mais adiante, conferir os desafios que afligem a relação entre orientador-orientando.

### 2.1. O lugar do trabalho interativo na orientação de TCC

O conceito de trabalho interativo (TARDIF; LESSARD, 2014) representa o envolvimento da personalidade do profissional, no caso, o orientador, no seu exercício profissional. Essa é uma característica própria de profissões das relações humanas<sup>1</sup>, que lidam com a interação com outros sujeitos. No caso da docência, a demanda afetiva pode ser mais intensa, inclusive na pós-graduação *lato sensu*. Quando o aluno se encontra no momento da escrita do TCC, requer mais apoio, segurança e acolhimento por parte do seu orientador. A procura por um bom relacionamento torna-se a centralidade de suas ações, desde o início da orientação, até o momento da defesa presencial.

Tardif e Lessard (2014) compreendem que o trabalho realizado com/para/sobre outros seres humanos marca a identidade desse trabalhador, em nosso caso, o orientador, modificando o processo de trabalho, o profissional e as relações profissionais. As profissões podem ser distinguidas como aquelas que atuam com trabalho material (manipuláveis fisicamente), as que atuam com trabalho cognitivo (trabalho intelectual com signos e materiais intangíveis) e as que atuam para/com/sobre o outro, o trabalho interativo. O orientador de TCC estaria conciliando as duas categorias de trabalho: o interativo (com/sobre o outro) e o cognitivo (intelectual e mediador de signos).

O orientador de TCC se comunica por meio do diálogo, mediado pelas tecnologias digitais adotadas pela EaD e pela escrita, e na maior parte das vezes utiliza apenas a comunicação assíncrona. Ele demonstra em sua orientação não apenas o que sabe, mas o que ele é (CANÁRIO, 2006). Sua dimensão pessoal atravessa a comunicação e diálogo construído junto ao seu orientando. Nóvoa (2009) compreende que há uma bidirecionalidade entre a pessoa do professor e sua ação pedagógica: “ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de autoreflexão e de auto-análise.” (p. 38).

Nesse encontro de pessoas (orientador-orientando), há um envolvimento afetivo e emocional. Como o objetivo de concluir um TCC passa pela manutenção do interesse discente, interesse esse que é afetivo e fundante do envolvimento dos alunos em uma tarefa, os estímulos do orientador precisam “tocar o piano das emoções” (TARDIF; LESSARD, 2014, p. 258), despertando entusiasmo para se envolver e se dedicar à conclusão dessa tarefa. Esse bom relacionamento será essencial, principalmente se o orientando vivenciar algum obstáculo em sua vida pessoal ou profissional.

A afetividade (CASTRO; MELO; CAMPOS, 2018) que alicerça o trabalho interativo do orientador, transforma-o em um trabalho emocional, especificidade que não pode ser ensinada em cursos de formação, pois é construída no ato de orientação, no contato direto com os orientandos.

<sup>1</sup> Alguns exemplos de profissões que lidam com relações humanas: psicólogos, médicos, policiais, carcereiros, assistentes sociais, advogados, consultores, vendedores, enfermeiros, etc.



Haguette (2006) enumera vinte “mandamentos” para um bom orientador para a pós-graduação *stricto sensu*. Elencamos a seguir, cinco desses “mandamentos” que teriam maior aderência aos cursos de especialização na modalidade EaD e que estão fundamentados no conceito de trabalho interativo, seriam eles:

- Não fazer imposição de problemática ao aluno. Ele goza de autonomia para escolher o fenômeno que lhe aprouver analisar. Lembremo-nos de que a pesquisa deve expressar o ato de paixão pelo conhecimento de algum aspecto da realidade. E a paixão deve ser a dele. (HAGUETTE, 2006, p. 378, grifos nossos);
- Procurar levar o orientando até aonde ele pode ir, respeitados os limites mínimos de qualidade. O nível de exigência deve estar em consonância com as potencialidades do aluno (*idem*, p. 379);
- Transmitir confiança e otimismo ao orientando;
- Elogiar, sempre que merecido, o desempenho do orientando;
- Manter um relacionamento profissional, porém amigável e regular, com o orientando... (*ibidem*, p. 380).

Reconhecer as potencialidades, respeitar e estimular a autonomia do orientando, confiando, estimulando e investindo em um relacionamento afetivo são ações transversais à orientação implicada com o diálogo. O diálogo concilia as experiências pessoais e acadêmicas entre esses agentes, permitindo (e ansiando-se pela) interferência do orientador no percurso do orientando. Nessa interferência dialógica, o orientador também cresce e aprende (QUIXADÁ VIANA; VEIGA, 2007), sem risco de perda da autoridade que lhe é inerente (ARETIO, 2014).

## 2.2. Desafios para uma orientação de TCC baseada no trabalho interativo

Realizamos uma pesquisa documental em editais de seleção pública para orientadores de TCC e pesquisa bibliográfica em trabalhos que se propunham a analisar a relação entre orientador e orientando, durante a produção do trabalho final de curso. Em ambos os levantamentos, buscamos verificar a abordagem do trabalho interativo, a fim de comparar o pressuposto na literatura recente, com alguns editais públicos para essa função.

### 2.2.1 Perfil profissional do orientador – pesquisa documental

Para compreender como algumas instituições vêm publicizando o perfil do profissional que desejam contratar e quais os critérios requeridos para a mediação junto aos seus alunos, no tocante à orientação de TCC, adotamos a pesquisa documental para verificar as características fundadas no trabalho interativo que estão sendo requeridas a orientadores, por meio de seleções públicas. Analisamos para isso, 12 editais publicados no período entre 2013 – 2017 e buscamos nesses, as características na descrição da função ou

nos critérios de seleção presentes nos distintos editais<sup>2</sup>. Os editais públicos estão disponíveis na internet e são vinculados à Universidade Aberta do Brasil (UAB<sup>3</sup>), ou seja, são cursos ofertados por instituições públicas, o que reflete uma iniciativa de política pública para expansão do ensino superior no país. Os respectivos editais podem ser ilustrados de forma quantitativa da seguinte forma:

Tabela 1 - Categorias de análise sobre a função do orientador nos editais analisados

Tipo de seleção	Remuneração	Curso de formação para orientação de TCC	Menciona a importância da vinculação afetiva	Exige alguma experiência docente ou formação para a EaD	Exige experiência como orientador	Exige experiência como orientador da EaD
Somente análise curricular = 8	Bolsa UAB de professor-formador = 10*	Não consta no edital = 9.	Apenas 5.	Apenas 1.	Apenas 4.	Nenhum edital
Análise curricular + entrevista = 1	R\$ 500,00 por TCC = 1.	Seria ofertado após a seleção = 3.				
Análise curricular + análise documental = 1	Trabalho voluntário = 1.					
Carta de intenções + entrevista = 1						
Somente análise documental = 1						

\* as cotas de bolsas (R\$ 1100,00 ou R\$ 1300,00) recebidas são distintas nas instituições.

Fonte: Autoria própria.

Nenhum edital exigiu experiência na orientação de TCC, na modalidade EaD. Compreendemos com isso, que as diversas regiões do país ainda não possuem um volume expressivo de professores com experiência na orientação à distância. Se esse for o motivo de não se exigir essa experiência prévia, a instituição deveria se comprometer com a formação em serviço desse profissional, ultrapassando a abordagem técnica de contato com as interfaces do ambiente virtual de aprendizagem. Essa formação pode ocorrer em outro momento e não ter sido mencionada no edital, mas uma formação inicial pedagógica, antes de se iniciar o exercício é fundamental. A ausência de formação (MACHADO, 2006; MARINELLI; CARVALHO, 2010; SANTOS; MAFFEI, 2010) para orientação pode tornar-se um problema, inclusive se o orientador possuir experiência na orientação de TCC na modalidade presencial, mas não tiver qualquer experiência com a modalidade EaD. Há diversas características convergentes entre as modalidades no tocante à orientação, mas há também especificidades na comunicação mediada pela escrita e pelas TDIC. Bruno e Moraes (2006) lembram que se deve cuidar do tom na linguagem, nos *feedbacks* e intervenções virtuais, entre outros cuidados com a comunicação assíncrona.

<sup>2</sup> Os editais analisados foram: IFRR/CAMPUS BOA VISTA (Nº 012/2017), UESPI (Nº 016/2014), UESPI (Nº 003/2015), IFRR/ CAMPUS BOA VISTA (Nº 008/2017), IFCE/ANA (Nº 44/GR/2017), UFOP (Nº 02/2016), UFT Nº 01 /2017, IFSC (Nº 01/ 2017/Chamada interna), UNICENTRO (Nº 060/2014), IFES/CAMPUS VITÓRIA (nº1/2015), FaE/CBH/UEMG/Campus Belo Horizonte (Nº 003/ 2017/Chamada interna) e UNIFAP (Nº 044/2013).

<sup>3</sup> Segundo a PORTARIA Nº 183, DE 21 DE OUTUBRO DE 2016 (MEC/CAPES), o orientador pode receber a bolsa de Professor-formador I (R\$1300,00), se tiver experiência de 3 anos no magistério superior ou bolsa de Professor-formador II (1100) se tiver apenas 1 ano dessa experiência.

Dos cinco trabalhos que mencionaram na descrição da função, a importância da vinculação afetiva ou bom relacionamento entre orientador e orientando, a descrição a seguir, embora breve, é a mais consistente:

“Apoiar e motivar, de maneira especial, os estudantes menos participativos e com mais dificuldades. Facilitar aos estudantes a compreensão da estrutura e da dinâmica do TCC e estimular o bom desempenho dos mesmos” (UESPI/UAB, edital nº 016/2014, grifo nosso).

O destaque que realizamos no trecho anterior se faz necessário porque é exatamente o mesmo trecho que localizamos nos dois editais do IFRR. No edital do IFCE/ANA (nº 44/GR/2017) destacamos a descrição que associa a orientação à necessidade da “habilidade de comunicação e de relacionamento interpessoal” e o da UESPI (edital nº 003/2015), destacamos a indicação de que esse profissional deve observar o envolvimento dos alunos. Embora os editais não tenham se proposto a abarcar essa especificidade do orientador na descrição da função, entendemos a menção em cinco trabalhos, em uma amostra de doze, como considerável e um prenúncio da importância que algumas instituições já perceberam para a mediação da orientação.

### 2.2.2 Perfil profissional do orientador – pesquisa bibliográfica

Na pesquisa bibliográfica foram analisados 25 trabalhos<sup>4</sup>, oriundos de um levantamento relativo ao período de 2007-2018. Foram incluídos todos os segmentos que possuem por exigência a construção de um trabalho final de curso, seja um TCC, monografia, dissertação ou tese, e possuíam como foco a afetividade ou trabalho interativo entre orientador-orientando. Acreditamos que, resguardadas as especificidades de cada segmento e produção científica, há um ponto de convergência: o bom relacionamento entre orientador-orientando é fundamental para essa fase de maior esforço e dedicação do orientando, quando a autonomia lhe é mais exigida.

Os trabalhos que fazem parte desse escopo podem ser retratados em termos percentuais, da seguinte forma:

Tabela 2 - Trabalhos analisados na pesquisa bibliográfica.

SEGMENTO	Retratam curso de aperfeiçoamento	Retratam a graduação	Retratam a pós <i>lato sensu</i>	Retratam a pós <i>stricto sensu</i>
	4%	40%	32%	24%
MODALIDADE DA ORIENTAÇÃO	EaD	Presencial	Semipresencial	Não delimita
	40%	36%	12%	12%

Fonte: Autoria própria.

<sup>4</sup> A relação completa dos trabalhos analisados pode ser acessada no link: <https://drive.google.com/open?id=1RG8oC-qDpNjhqJq-1GB9aR6-z19knA9z>.



Destacamos nos artigos analisados, as principais características essenciais ao orientador, que se relacionam com o trabalho interativo durante a produção do TCC. Buscamos representar essas características por meio da seguinte nuvem de palavras:

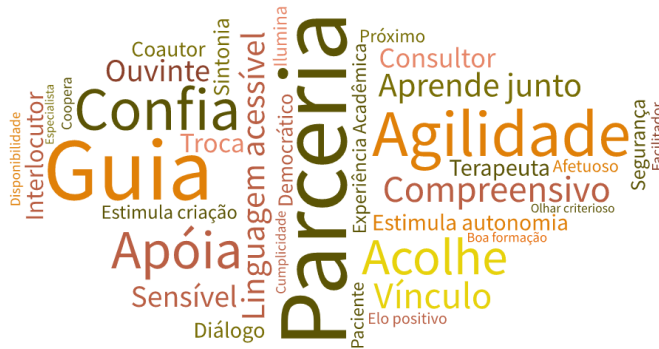


Figura 1 - Características do orientador implicado com o trabalho interativo

Fonte: Autoria própria.

Parceria, agilidade nas respostas e *feedback*, guiar o orientando, confiando e apoiando o mesmo são as características que mais incidiram nos trabalhos analisados, e se vinculam ao trabalho interativo na orientação. Essas características destacadas confirmam a associação que encontramos em 8 trabalhos, entre o bom relacionamento ou parceria entre orientador-orientando, com a qualidade do TCC.

Ao buscarmos localizar nessa pesquisa, quais são as dificuldades que interferem no trabalho interativo e podem dificultar a redação do TCC, localizamos os seguintes desafios em cada segmento do Ensino Superior<sup>5</sup>:

Tabela 3- Desafios para a orientação- por segmento da Educação Superior.

Graduação (10 trabalhos analisados)	Pós lato sensu (8 trabalhos analisados)	Pós stricto sensu (6 trabalhos analisados)
Pouca afinidade com o tutor ou orientador.	Relacionamento com o tutor ou orientador.	Relacionamento com orientador.
Pouca disponibilidade dos orientadores.	Demora no recebimento do <i>feedback</i> .	Pouca disponibilidade dos orientadores
	Falta de esclarecimentos quanto ao que precisava ser mudado.	Distanciamento pode levar a evasão.
	Tensões relacionais.	Autonomia não é deixar sozinho.
	O rigor e a redação científica não são apresentados nas disciplinas anteriores.	Informalidade nos encontros gera insegurança quanto ao trabalho.
	Alguns alunos sentem falta da orientação presencial.	

Fonte: Autoria própria.

<sup>5</sup> Os trabalhos que não estão incluídos nessa classificação por segmento, não apresentaram essa informação em sua produção.

Com esse achado, confirmamos nossa hipótese de que, resguardadas as especificidades acadêmicas de cada segmento, no tocante ao trabalho interativo do orientador e relacionamento orientador-orientando, os desafios se aproximam ou mesmo convergem nos diversos formatos/modalidades de orientação de trabalho final de curso. A ausência de afinidade ou de um bom relacionamento com o orientador, junto à pouca disponibilidade de orientadores, que podem demorar a devolver as produções são os desafios mencionados em todos os segmentos. Na pós-graduação *lato sensu* se destaca ainda, o fato das disciplinas anteriores não iniciarem o trabalho da redação científica, com o rigor que será exigido na produção do TCC.

Ao buscarmos evidenciar nos trabalhos analisados, os desafios da ordem do trabalho interativo, que trazem maior impacto para os orientandos, ilustramos da seguinte forma:

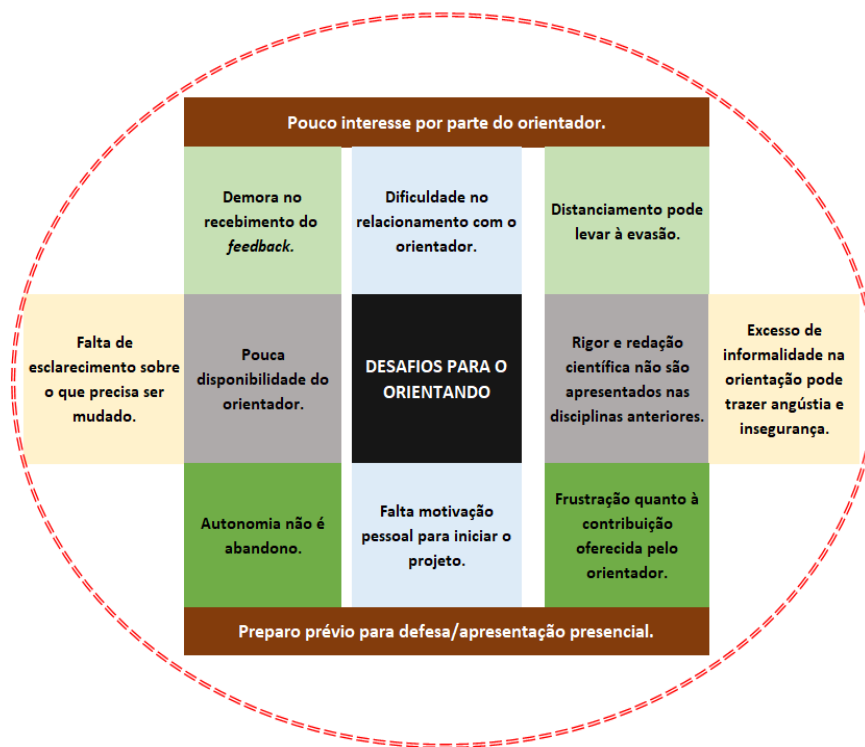


Figura 2 - Desafios que trazem impacto direto ao orientando.

Fonte: Autoria própria, a partir do modelo de gráfico gentilmente cedido por Pollyana Bezerra.

Já os desafios da ordem do trabalho interativo, que trazem maior impacto para os orientadores podem ser resumidos da seguinte forma:

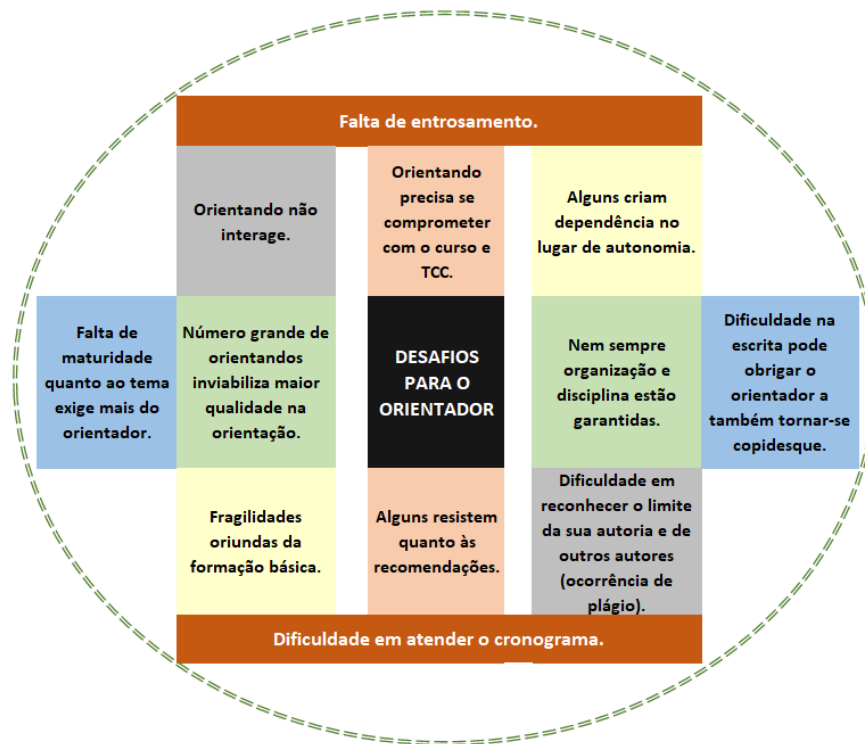


Figura 3 - Desafios que trazem impacto direto ao orientador.  
Fonte: Autoria própria, a partir do modelo cedido por Pollyana Bezerra.

Ao compararmos os dois gráficos, com os desafios da ordem do trabalho interativo que acometem tanto os orientandos, quanto os orientadores, nota-se que há convergências, como a necessidade que ambos apresentam no tocante ao entrosamento entre eles, mas algumas queixas são específicas de cada ponta dessa relação e falta ainda, em alguns momentos, equilíbrio nas ações. A autonomia é necessária, mas não é construída solitariamente, o que pode contribuir para a evasão, se a motivação do aluno não for consistente o suficiente para superação desse problema. Nesse caso, o trabalho interativo foi deixado de lado muito antes de o orientando assumir-se como autor solitário.

Outro problema apontado nos dados, que pode contribuir para o rompimento ou fragilização do trabalho interativo na orientação, ocorre quando há um número excessivo de orientandos. Essa situação, recorrente no caso de cursos a distância massificadores, ofertados em larga escala, onde a aprendizagem não estaria em primeiro plano, pode levar o orientador a fazer intervenções mais generalistas ou pouco esclarecedoras, por não dispor de tempo para dedicar à orientação mais personalizada, base do trabalho interativo. Nos trabalhos analisados, vimos que alguns orientadores adotam orientações coletivas, e outras propostas que agregam valor à construção do conhecimento, mas não substituem o relacionamento próximo entre orientador e orientando, durante a escrita supervisionada.

As dificuldades que os alunos trazem em sua formação anterior, somadas à pouca maturidade acadêmica, própria de quem não vivenciou um rigor semelhante anteriormente, aliados às (re)incidências no tocante à ética da autoria, podem exigir mais disponibilidade e envolvimento do orientador, levando-o a assumir intervenções que em um primeiro momento não seriam específicas da orientação, trazendo sobrecarga ao trabalho docente.

Apesar de não serem funções próprias da orientação, esse professor muitas das vezes assume também o papel de copidesque, constrói estratégias e desenvolve tutoriais para explicar o processo de escrita acadêmica, acompanha o processo de aquisição da autoria em seus pormenores, e essas são algumas das tarefas invisíveis da orientação, próprias do trabalho interativo.

### 3. Considerações finais

Os dados dos editais analisados demonstram que, embora haja alguma menção na descrição do cargo ou atribuição, do estabelecimento de um bom relacionamento ou investimento no trabalho interativo durante a orientação, esse viés ainda não é contemplado com a importância e recorrência como tem sido indicado na literatura. Outro dado que nos chamou a atenção, refere-se à ausência de propostas de formação inicial para orientação a distância. Apenas em um dos três editais foi mencionada a oferta de formação após a seleção, e neste estava clara a intenção de apresentação das tecnologias, que estariam disponíveis o novo orientador. Preocupa-nos que as outras formações se atenham apenas a esse aspecto, embora o entendamos como relevante e indispensável. Esse dado (formação para atuação) também foi indicado nos trabalhos analisados, como fator de grande relevância, embora não tenhamos encontrado qualquer relato de formação oferecida a orientadores.

O número de orientandos por orientador, que encontramos nos editais analisados ficou entre 5-10. Trata-se de um volume que poderá contribuir para um atendimento mais personalizado, propiciando a constituição de vínculos, fundamento para o trabalho interativo. Apesar disso, o fato de ser um trabalho temporário, e termos encontrado na maior parte das vezes, a indicação de cotas de bolsas incoerentes com o volume de trabalho, esse fato obriga o orientador a buscar outras atividades laborais para constituir uma remuneração que lhe garanta o sustento. O excesso de atividades e/ou o número excessivo de orientandos, dado apontado de forma recorrente na literatura analisada, interferem diretamente na possibilidade de constituição de diálogo e trabalho interativo que estamos pressupondo como essencial.

Nos trabalhos analisados, a agilidade, parceria, apoio, bom relacionamento, clareza, disponibilidade por parte do orientador foram as características mais apontadas como fundamentais na constituição do trabalho interativo durante a orientação. Por outro lado, os orientadores se ressentem da pouca autonomia, das dificuldades com a escrita acadêmica e autoria, bem como o pouco comprometimento ou resistência às recomendações por parte de alguns orientandos. Entendendo que o diálogo e parceria acionam a corresponsabilidade desses dois agentes, o acolhimento solicitado pelo orientando e a dedicação exigida ao orientador se tornam interdependentes. A dimensão pessoal do orientador, que entrega um pouco de si ao trabalho, envolvendo-se com o trabalho e crescimento do aluno requer dedicação do outro lado, para que o bom relacionamento possua terreno fértil para se constituir. O percurso de aprendizagem mútua envolve dialogia e democracia, que não são dadas *a priori* e são construídas no cotidiano, durante a escrita e idas e vindas próprias da orientação.

Tardif e Lessard (2014) lembram que o trabalho interativo do docente se difere de outras profissões, pois dependem do comprometimento, disciplina e organização do

orientando, que pode inclusive, rejeitar as recomendações do orientador. Sendo assim, a parceria que o orientando requer, precisa ser entendida como uma via de mão dupla. Todos possuem grande responsabilidade e precisam se vincular ao curso e à produção. Os orientadores precisam investir em intervenções personalizadas, que impulsionem e desafiem os orientandos a crescer. As instituições precisam conciliar a expansão de suas unidades/polos/cursos, com a qualidade. A mercantilização do ensino por meio de salas (em todas as modalidades) lotadas inviabiliza não apenas o trabalho interativo, mas toda expectativa de alunos e professores com o percurso de aprendizagem, incluindo-se o trabalho científico de final do curso. Orientandos precisam comprometer-se com sua produção, organizando-se e dedicando-se. Essas conciliações são fundamentais para a constituição de um trabalho baseado na afetividade, viabilizada pelo diálogo, cuidado e respeito mútuo.

#### 4. Referências

ALVES, Vânia Maria; ESPINDOLA, Isabel Cristina Pitz; BIANCHETTI, Lucídio. A relação orientador-orientando na Pós-graduação *stricto sensu* no Brasil: a autonomia dos discentes em discussão. **Revista Educação em Questão**. v. 43, n. 29. Natal, 2012.

ANDRADE, Valter Zotto de. A COMUNICAÇÃO ENTRE O ORIENTADOR DE MONOGRAFIAS E O ORIENTANDO DE PÓS-GRADUAÇÃO NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM. **ANAIS. EDUCERE**. PUC-PR, 2011.

ANTUNES, Elaine Di Diego; BRUNETTA, Nádia; DEMARCO, Diogo Joe; PINHEIRO, Ivan Antônio. Desafios na Construção do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Negociação Coletiva na Modalidade a Distância. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**. V. 9 Nº 2, dezembro, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/25140>. Acesso em 18 jan. 2017.

ARETIO, Lorenzo García. **Bases, mediaciones y futuro de la educación a distancia en la sociedad digital**. UNED. Editorial Sintesis, 2014.

BRASIL. **DECRETO Nº 9.057**, de 25 de maio de 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm). Acesso em 18 jan. 2017.

BOGHI, Cláudio; SHITSUKA, Ricardo; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; MATTAR, João. TRABALHO DE FINAL DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO. **Revista Tecnologia Educacional**. Ano LIV – 212, ABT, 2016. Disponível em: <http://abt-br.org.br/wp-content/uploads/2017/03/212.pdf#page=72>. Acesso em 18 jan. 2017.

BRUNO, Adriana Rocha; MORAES, Maria Cândida. O enfoque da complexidade e dos aspectos afetivo-emocionais na avaliação no ensino *online*. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (orgs.). **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.



CAMPOS, Gilda Helena Bernardino de. Ensino a distância 100% virtual amplia opções, mas desafio aumenta. **Folha de São Paulo**. Entrevista cedida à Luciana Alvarez. 27.07.2017. Educação. Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/07/1904624-mec-atualiza-regras-de-ensino-virtual-mas-desafio-da-qualidade-aumenta.shtml>. Acesso em 27 jul. 2017.

\_\_\_\_\_ ; ROQUE, Gianna Oliveira; SANTOS, Camila Sousa. Avaliação em cursos na modalidade a distância. O que podemos observar? In: SILVA, Thomaz Edson Veloso da, et. al. (org.). **Avaliação em EaD: teoria e prática**. Recife: Imprima, 2015.

CASTRO, Eunice; MELO, Keite Silva de; CAMPOS, Gilda Helena Bernardino de. Afetividade e motivação na docência online: um estudo de caso. RIED. **Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**. v. 21, n. 1, 2018. Disponível em:  
<<http://revistas.uned.es/index.php/ried/article/view/17415>>. Acesso em: 23 jan. 2018

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto alegre: Artmed, 2006.

Censo EAD.BR: **relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2016** [livro eletrônico]/[organização] ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. Curitiba: InterSaberes, 2017. Disponível em:  
[http://abed.org.br/censoead2016/Censo\\_EAD\\_2016\\_portugues.pdf](http://abed.org.br/censoead2016/Censo_EAD_2016_portugues.pdf). Acesso em 10 jan. 2018.

DIAS, Sônia Maria Rodrigues Calado; PATRUS, Roberto; MAGALHÃES, Yana Torres de. QUEM ENSINA UM PROFESSOR A SER ORIENTADOR? PROPOSTA DE UM MODELO DE ORIENTAÇÃO DE MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES. **Administração: Ensino e Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, 2011.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Universidade: nos bastidores da produção do conhecimento. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2006.

LOVISOLO, Hugo. **Vizinhos distantes: universidades e ciência na Argentina e no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

MACHADO, Ana Maria Netto. A relação entre autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2006.

MARINELLI, Célia Regina Gonçalves e CARVALHO, Raquel Alves. Histórias de Orientação: Ética, Responsabilidade e Compromisso com o Campo Científico. In: SCHNETZLER, Roseli

Pacheco e OLIVEIRA, Cleiton de. **Orientadores em foco**: o processo da orientação de teses e dissertações em educação. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

NÓVOA, Antonio. **Professores**: Imagens do futuro presente. Educa, Lisboa, 2009.

QUIXADÁ VIANA, Cleide Maria Quevedo; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. ORIENTAÇÃO ACADÊMICA: UMA RELAÇÃO DE SOLIDÃO OU DE SOLIDARIEDADE? ANAIS. 30ª Reunião anual da Anped, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT04-3345--Int.pdf>. Acesso em 19 jan. 2017.

SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Kátia Regina e MAFFEI, Willer Soares. Aprendendo a orientar. In: SCHNETZLER, Roseli Pacheco e OLIVERIA, Cleiton de. **Orientadores em foco**: o processo da orientação de teses e dissertações em educação. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

SAVIANI, Demerval. A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2006.

SCHNEIDER, Magalis Bésser Dorneles; MORAES, Raquel de Almeida. Os processos comunicacionais na política de formação de professores a distância. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 55, p. 307-321, mar. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602015000100307&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602015000100307&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 Mai. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.39421>.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O Trabalho docente** – Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.